



**INTERVENTÔMETRO**  
Governo Bolsonaro já nomeou 14 interventores. Ministro da Educação declarou que não tem qualquer compromisso em nomear os vencedores das eleições nas universidades e institutos.

**Página 4**

## UFRJ CRIA GUIA DE BIOSSEGURANÇA E REPROVA RETORNO PRESENCIAL

**Página 3**

QUINSO

Criador da Mafalda  
1932-2020



# QUINO

As ilustrações de Mafalda publicadas no **Jornal da AdUFRJ** estão em "Toda Mafalda", 1993, Buenos Aires, editora Ediciones de la Flor.



## EDITORIAL

# MAFALDA ESTÁ ÓRFÃ. NÓS TAMBÉM

### DIRETORIA

A velha imagem da chegada da primavera, trazendo um novo ciclo de vida, restaurando forças e energias parece que ficou comprometida demais pelo espetáculo de horror que o incêndio no Pantanal provocou em todos nós nesse fim de setembro. O levantamento inicial não poderia ser mais desanimador: podemos chegar a ¼ do território queimado. Mal nos demos conta da proporção gigantesca de nossas perdas, da irreversibilidade de muitas delas, e do quanto será custoso recuperar a diversidade da vida pantaneira, e lá se vai mais um ícone que nos alimentou nas últimas décadas com tanta delicadeza, inteligência e humor. Aos 88 anos, o genial Quino, criador da Mafalda, deixa órfã uma legião de milhões e milhões de admiradores em todo o mundo.

Diz a lenda que em cada duas casas na Argentina, ao menos uma possui um livro da Mafalda. Já foi traduzida para pelo menos 35 idiomas. Nascida em setembro de 1964, a menina de olhar implacável, capaz de produzir tantas perguntas incômodas, dona de um coração generoso e cheio de esperança, alimentou o sonho de outras tantas meninas, nascidas numa década de grandes transformações. Atravessou o século XX com frescor, e chegou ao século XXI mais necessária

que nunca. Demos adeus a Quino, mas não deixaremos Mafalda sozinha.

Em tempos de cólera e poucos amigos, de distanciamento social e ensino remoto, faremos uma pausa em todas as nossas questões circunstanciais para deixarmos aqui a nossa homenagem. A Mafalda encarna como poucas (e poucos) o espírito indagativo e desafiante que deve predominar na universidade. O olhar desatento para os poderes instituídos, para velhas verdades celebradas como imortais, a vocação crítica e o amor incondicional pelo mundo que habita, mas com a plena consciência do quanto é necessário transformá-lo: é preciso ter um pouco de Mafalda em todos nós. Precisamos ter a coragem de indagar o mundo com os olhos livres das respostas já gastas e conhecidas. Que ela sobreviva em nós. Sejamos nós a criança que não entende a fome, a desigualdade, a destruição do planeta pela voragem desmedida do dinheiro.

Obrigada, Quino. Agradecemos por tanto que fez por nós. Por confiar na palavra escrita, desenhada, sentida e amada. Por confiar na arte, na beleza, na cultura, na liberdade de expressão, na busca pelo conhecimento, nas indagações da ciência e na capacidade crítica do pensamento. E por confiar no poder ilimitado que a Mafalda poderá ter, para sempre, de educar e transformar as pessoas. Sigamos com sua lição. Não desistiremos também.

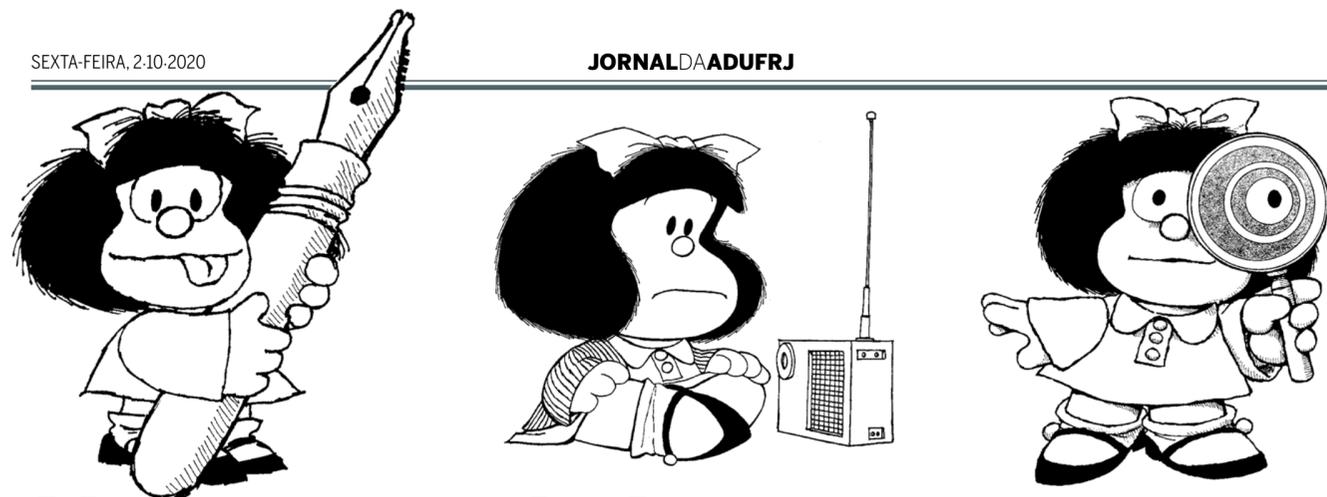
**AdUFRJ LANÇA CAMPANHA CONTRA REFORMA ADMINISTRATIVA. PARTICIPE E ESPALHE OS CARDS PELAS REDES**



### IMAGENS DA SEMANA

#### DEBATE OU CIRCO?

■ Xingamentos, acessos de fúria, seguidas interrupções. Esse pode ser um resumo do que se tornou o primeiro debate de candidatos à presidência dos Estados Unidos. Donald Trump e Joseph Biden protagonizaram momentos de fazer vergonha aos eleitores mais militantes. Quem mais perde é a democracia.



# Novo guia de biossegurança: não há condições de retorno

> Documento avalia espaços da universidade, divide áreas em cores, recomenda testagens e desaconselha uso de splits

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

### CORES DA SAÚDE NO CAMPUS

#### AMBIENTE VERDE

possível retorno das atividades, com medidas "padrão" de segurança, como distanciamento, uso de máscara e desinfecção das mãos

#### AMBIENTE AMARELO

possível retorno, acompanhado de medidas adicionais de segurança, como EPIs específicos

#### AMBIENTE VERMELHO

retorno deve ser avaliado por uma equipe multiprofissional com adoção de medidas de segurança específicas, além de EPIs

Avaliação dos ambientes, testagens, distanciamento, uso de equipamentos de proteção individual. Essas são algumas das condições para a realização de atividades presenciais nos campi, reunidas no novo Guia de Biossegurança da UFRJ, aprovado na última reunião do GT Pós-Pandemia, na sexta-feira, 25. O documento de 51 páginas sinaliza que ainda não há condições para a volta às aulas e cria uma "matriz de avaliação do ambiente". O modelo se baseia na infraestrutura e na exposição frente ao SARS-CoV-2, além das atividades realizadas em cada local. São três categorias: ambiente verde – possível o regresso com medidas padrão de segurança; ambiente amarelo – retorno das atividades precisa acompanhar medidas adicionais de segurança; ambiente vermelho – retorno precisa ser avaliado por uma equipe multiprofissional.

O documento foi criado pela Comissão Provisória de Assessoramento em Biossegurança, que aconselha o GT Pós-Pandemia da universidade. O grupo reúne 19 especialistas de diferentes áreas e é coordenado pela professora Bianca Ortiz. "É um documento com contribuições de múltiplas áreas. Não se trata de um estímulo ao retorno presencial precoce. A ideia é que haja a minimização dos riscos no retorno das atividades essenciais presenciais da

instituição", esclarece a docente que também é coordenadora de Biossegurança do CCS, onde há vários laboratórios que estudam o coronavírus. "Para laboratórios que cultivam o vírus ou fazem diagnóstico, foram implementadas medidas específicas de biossegurança", diz a docente.

O pró-reitor de Planejamento e Finanças, Eduardo Raupp, reforça a orientação. "Continuamos na fase 3, definida pelo GT Pós-Pandemia, em que apenas as atividades essenciais estão liberadas de forma presencial. A taxa de contágio precisa estar abaixo de 1 para que possamos pensar em uma forma de retorno presencial mais seguro",

explica Raupp, que coordena o GT. Segundo o Covidímetro da UFRJ, a taxa de contágio da doença no Rio de Janeiro é de 1.13. "Portanto, orientamos que as atividades da universidade continue sendo predominantemente remotas".

Um dos critérios para retorno é testar pessoas envolvidas com atividades essenciais de alto risco de exposição ao vírus. O relatório indica como possibilidades de testagem: exames em indivíduos com sintomas; testes pós-exposição a pessoas infectadas; testagem em contexto de hiperexposição, caso que engloba profissionais de saúde e estudantes internos da medi-

na, enfermagem, terapia ocupacional, entre outros envolvidos com o cuidado direto a doentes de Covid-19.

Outro ponto que merece atenção é o uso de ar-condicionado. O ideal é não utilizar o aparelho em ambientes confinados e manter portas e janelas abertas. "Os do tipo split não são recomendados para uso neste momento, porque não renovam o ar", explica a docente. Entretanto, para ambientes que precisam permanecer fechados, como laboratórios, o uso de equipamentos de proteção individual constitui uma alternativa. "Medidas adicionais" como o uso de equipamentos portáteis para movimentação do ar, com filtro HEPA também são recomendadas para maior controle dos riscos de transmissão do SARS-CoV-2", orienta Bianca. Este tipo de filtro é considerado "absoluto" e o mais eficiente disponível atualmente, capaz de eliminar até 99,9% de impurezas e microrganismos como ácaros,

bactérias e vírus.

"Pensamos em soluções exequíveis, dadas todas as especificidades das diferentes unidades e também as restrições orçamentárias", explica Bianca. "O ideal era que fossem instalados sistemas de exaustores, mas o custo é muito elevado", reconhece a professora.

O documento também aborda conduta para os museus, alojamento, frota de ônibus, restaurantes. Em linhas gerais, o recomendado é manter em todos esses espaços o distanciamento de dois metros entre pessoas, limitar o número de pessoas em cada ambiente e utilizar máscara. "Portas serão sinalizadas com tudo que a pessoa precisa saber antes de acessar cada espaço", conta Bianca Ortiz. "Precisamos entender que a nossa vida, como era, mudou. É necessário se adaptar", finaliza a docente. O guia se encontra em fase de revisão e deve ser divulgado pela UFRJ nos próximos dias.

### TESTES DE COVID COM RESULTADOS MAIS RÁPIDOS

A UFRJ está em processo de aquisição de testes mais rápidos para Covid-19. Os kits passaram por testagens feitas pelo Laboratório de Virologia Molecular, do Instituto de Biologia, e se demonstraram seguros. Além disso, são mais baratos que os utilizados atualmente – custam em média R\$ 35 reais, com resultado em 15 minutos. O tempo é muito inferior aos 10 dias em média gastos até a conclusão do exame molecular, chamado PCR. O cotonete é um pouco menor e, portanto, menos invasivo, o resultado sai mais rápido e é tão bom quanto o outro. A universidade está comprando 8.500 testes para, em princípio, atender aos seus profissionais de saúde.

### PROVA DE VIDA SUSPensa ATÉ 31 DE OUTUBRO

■ Está suspensa até 31 de outubro a prova de vida anual para os servidores federais aposentados, pensionistas e anistiados políticos civis. O prazo, que se encerraria no fim de setembro, foi prorrogado por instrução

normativa publicada no Diário Oficial da União, no dia 28. O objetivo do novo adiamento é reduzir a possibilidade de contágio pelo novo coronavírus. De acordo com o Ministério da Economia, a maioria dos beneficiários integra o grupo de risco para a Covid-19, em função da idade. A prova de vida dos servidores federais está suspensa desde 18 de março.

### NOTAS

#### CEG SE REÚNE, MAS NÃO DEBATE CALENDÁRIO

■ O Conselho de Ensino de Graduação se reuniu na última quarta-feira, 30, mas não discutiu o calendário acadêmico. O tema estava agendado inicial-

mente. A ideia era discutir as regras e atos acadêmicos dos períodos de 2020.1 e 2020.2. A pró-reitora de Graduação, Gisele Pires, informou que estuda uma proposta de resolução para os próximos períodos e por isso tirou da pauta da semana o debate sobre o calendário. "A elaboração e a divulgação da pauta deste colegiado são da competência de sua presiden-

cia. Estamos em elaboração de um esboço de uma possível proposta que será apresentada na semana que vem a esse colegiado", disse. A próxima sessão do CEG está marcada para o dia 7. A mudança de pauta gerou reação dos estudantes, que fizeram um protesto presencial na porta do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN).



# Pelo fim do “Clube do Bolinha”

> Projeto do Laboratório de Futuro da Coppe quer diminuir predominância masculina em cursos das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática

LIZ MOTA ALMEIDA  
comunica@adufrrj.org.br

As estudantes, maioria no ensino superior, ainda enfrentam dificuldades para ingressar em alguns cursos. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), elas representam 56% das matrículas gerais. Mas o percentual cai para apenas 30% nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. Para entender por que isso ocorre e ajudar a modificar este cenário, o Laboratório de Futuro da Coppe criou um projeto: o Igualdade STEM (sigla para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, em inglês).

O professor Luis Felipe Costa, que coordena a iniciativa, apresenta um diagnóstico preliminar. “Isso deriva de uma estrutura hierárquica, que já vem de algum tempo, que não coloca a mulher em iguais condições pra tomar ponto de debate, ter lugar de fala e ocupar os cargos estratégicos”, avalia.

O fato curioso é que a ideia

surgiu em Lisboa, onde o docente faz doutorado. No Instituto Superior Técnico de Portugal, o pesquisador acompanhou as aulas de matemática da professora Ana Moura Santos e observou que havia poucas meninas. “Essa questão da desigualdade de gêneros está presente em todas as universidades. A verdade é essa”, lamenta.

Ana Moura, que também abraçou o projeto pelo lado do Instituto Técnico de Lisboa, afirma que o problema influi também no reduzido número de professoras: a porcentagem de alunas que entram no seu curso é baixa, mas é ainda menor entre as colegas de magistério. “Não há equidade. Não há uma boa representatividade e isso também é um bocado um ciclo vicioso”.

A própria linguagem é vista como um desafio. “Muitas vezes, nas disciplinas de STEM, pressupõe-se que se está a falar para rapazes e que o centro de interesses e as carreiras que estamos a apresentar são para homens”, explica Ana. Para Luis, isso deriva de uma estrutura hierárquica que já existe há algum tempo. “Um dos desafios é a questão da linguagem na universidade, no

estudo secundário, nas rodas de conversa, na cultura e em qualquer lugar. Não se coloca a mulher em iguais condições para estudar e aprender engenharia, matemática ou programação sem que aquilo tenha que ser desconfortável pra ela, ou que ela imagine que ela não possa fazer isso porque é um ambiente masculino”, conclui.

O Igualdade STEM quer acabar com este “clube do Bolinha”. “É uma pesquisa mais abrangente, que visa subsidiar o governo brasileiro e outras instituições”, diz. O projeto trabalha com duas bases de dados: a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) da categoria dos empregos formais, e censo do Inep de 2018. “Fazemos uma relação do que esses dois bancos de dados estão apresentando sobre as áreas”, explica Luis.

Pelo site igualdadestem.com é possível inscrever ações que buscam aumentar a presença de mulheres na área. “Estamos aqui hoje com 27 iniciativas já mapeadas”, conta o pesquisador. Entre elas, algumas são vinculadas a projetos de extensão universitários com foco no aprendizado das meninas.

Outras são apoiadas por empresas. “Há projetos que disponibilizam ferramentas e cursos que as meninas vão aprender, fazer e se tornar webdesigners”, exemplifica Luis. Os programas cadastrados não são necessariamente voltados para a comunidade universitária. “Precisam estar vinculados à tecnologia”.

## MINERV@S DIGITAIS

A discussão em sala durante uma disciplina do quinto período do curso de Ciência da Computação fomentou uma das ações cadastradas no Igualdade STEM: o Minerv@s Digitais, criado em 2018. O objetivo da aula era apresentar aos alunos as possibilidades de carreira e propor debates sobre a área.

“O projeto nasceu da realidade gritante da Computação, não só na UFRJ, mas no Brasil e no mundo, que é a ausência de mulheres”, conta Maria Eduarda Lucena, estudante do 8º período. A criação do Miverv@s Digitais seguiu como trabalho final da disciplina, e, no fim do semestre, foi registrado como projeto de extensão.

Para Maria Eduarda, as motivações para a disparidade entre os gêneros no seu curso são muitas. “Vão desde rótulos velados, como os que estereotipam com-

putador e videogame como brinquedos de meninos, ao comportamento machista generalizado que assombrou e ainda assombra em certa proporção a Ciência e as áreas de exatas”, reflete.

Entre as atividades realizadas pelo grupo, a aluna destacou a atuação em escolas de nível médio e fundamental, especialmente no Centro Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR), na favela da Maré. “Foi um braço do nosso projeto nesses últimos dois anos”, diz. No lugar, é realizado o programa Forças no Esporte, com atividades esportivas gratuitas para a população, e muitas crianças das escolas públicas do entorno costumam frequentar o Centro.

“Elas fazem atividades ligadas ao esporte e nós atuamos com atividades mais pedagógicas, sobre lógica de programação, coisas bem simples, mas educativas”, explica Maria Eduarda.

O Minerv@s Digitais se inscreveu na pesquisa Igualdade STEM principalmente pela visibilidade. “Quanto mais alcançarmos, mais vamos estar alinhados ao nosso objetivo, propagando e fomentando o interesse feminino em Ciência e Tecnologia”.

# BASTA!



Kellner.

“Até o momento, tivemos aporte federal e também da Alerj, mas a Prefeitura nunca se pronunciou sobre o assunto. Um museu forte na cidade do Rio de Janeiro. Se pudéssemos ter algum apoio da Prefeitura neste processo de reconstrução, seria muito importante para nós”, afirma o diretor da unidade, professor Alexander

atenção com o espaço, de segurança, de manutenção. A atual administração (municipal) foi um desastre”, critica Kellner.

Destruído por um incêndio em setembro de 2018, o Museu Nacional tem previsão de reabrir as portas ao público em 2022, nas comemorações do bicentenário da Independência do Brasil.

Leia a íntegra do texto ao lado.

# Jornada dupla de trabalho desafia docentes pais e mães

LUCAS ABREU  
lucas@adufrrj.org.br

“Será que podemos nos falar mais tarde? Agora estou sozinha com o meu filho”. Não poderia ser mais esclarecedora a forma como a professora Gizele Martins, do campus Macaé, atendeu ao primeiro contato do **Jornal da AdUFRJ** para falar das dificuldades que docentes mães e pais de crianças pequenas enfrentam durante a pandemia.

Gizele faz parte do grupo que divulgou uma carta dirigida à administração central da UFRJ para garantir um tratamento justo neste período, além de ampla discussão do tema em toda a universidade. O documento, disponível em [bit.ly/cartamãesepaisUFRJ](http://bit.ly/cartamãesepaisUFRJ), está aberto às assinaturas de mais colegas.

Em julho, Gizele respondeu a uma pesquisa de duas professoras de outra universidade, e não soube dar resposta para uma questão sobre as soluções que a administração central da UFRJ ofereceria para as mães no ensino remoto. “Eu não consigo assistir às reuniões de colegiado. Queria saber se estava sendo discutido algum respaldo, algum apoio para quem está na função de cuidador”, disse.

Ela procurou outros pais, e, em grupo, decidiram escrever a carta. “A carta já saiu de Macaé e está recebendo apoio em outras unidades”, afirmou.

Na semana passada, o grupo reuniu-se com a diretoria da AdUFRJ. O objetivo é que, além de atuar para que a reivindicação dos professores chegue até a administração central, o



sindicato ajude a sensibilizar a comunidade universitária sobre as dificuldades de quem está sobrecarregado com as atividades docentes e o papel de cuidador exclusivo durante o isolamento social. “Nosso propósito é, justamente, rearrumar essa discussão na UFRJ”, disse a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller.

“A ideia é que a gente troque o olhar crítico em relação àqueles que não conseguem alcançar um nível de produção das atividades acadêmicas, porque estão envolvidos no cuidado de crianças ou idosos”, afirmou Eleonora. “Inverter a lógica da crítica e da acusação de que eles trabalham

ampla visibilidade internacional realizada pelo grupo brasileiro *Parent in Science*”, diz um trecho do documento.

Mãe de Gabriel, de dois anos, Gizele ficou sem sua rede de apoio com o isolamento social, e assumiu integralmente os cuidados do filho, já que o marido trabalha em outra cidade.

Ela conta apenas com a mãe, que, com 70 anos, está no grupo de risco do novo coronavírus. “No início, foi muito complicado, porque eu estava sem suporte nenhum”, afirmou. “E não melhorou. Acho que consegui me adaptar”. Gizele desdobrou-se entre as atividades da extensão, adaptadas para acontecer remotamente, e de pesquisa, mais difícil com o isolamento. Mesmo assim, decidiu dar aulas no Período Letivo Excepcional (PLE). “Imaginei que um período letivo remoto obrigatório fosse acontecer em algum momento, então queria tentar, ver como seria a experiência”, explicou a professora, que divide uma disciplina

com outros professores. “É um curso multidisciplinar.

Cada professor trata da sua especialidade. Mas eu faço a parte administrativa, de plataforma, de cronograma e contato com os alunos”.

Gizele sente a sobrecarga, e não tem dúvidas de que o seu trabalho e suas obrigações com a casa e o filho estão sendo prejudicadas. “Eu acho que não estou dando conta. Em alguns dias, a casa fica bagunçada; em outros, acho que não consigo estar presente o tanto quanto gostaria nas atividades do PLE”, desabafou.

A professora tem usado as madrugadas para dar conta das tarefas impostas pela discipli-

na, o que reconhece não estar fazendo bem para a sua saúde. “Se não tivermos nenhum tipo de adequação ou ação que considere essa adversidade que é estar cuidando de uma pessoa que depende de você, a qualidade do nosso trabalho vai cair”, disse.

## COMPUTADOR COMPARTILHADO

A professora Tais Fontoura de Almeida, também uma das autoras da carta, vive experiência semelhante. Mãe de duas filhas, de 4 e 6 anos, ela se divide entre as tarefas do trabalho e a atenção que as crianças exigem. “Elas já têm demandas das escolas. Isso demanda muito a minha dedicação”, contou. As aulas remotas das meninas criaram outra dificuldade para Tais, que precisa dividir o único computador da casa. “Algumas tardes, consigo fazer algumas coisas pelo celular, porque elas estão usando o computador”, relatou. “O que eu vou fazer? Tirar essa estrutura de ensino delas, que já está estabelecida?”.

As aulas remotas foram importantes no estabelecimento de uma rotina para as filhas, no confinamento. “Dá uma certa sensação de normalidade para a criança”, explicou. “Para que isso funcione, tenho que dar a elas a segurança de que seus compromissos serão atendidos”.

A situação implica não só as horas em que as meninas usam o computador, mas apoio na elaboração das tarefas da escola.

É mais uma tarefa para a professora, que manteve as atividades de pesquisa e extensão e está dando aulas no PLE, em parceria com outros colegas.

“Vou fazendo tudo nos intervalos que tenho das tarefas com a casa e as meninas”, disse.

## MUSEU QUER APOIO DA PREFEITURA

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

A direção do Museu Nacional escreveu uma Carta Aberta aos candidatos à prefeitura do Rio de Janeiro solicitando apoio na reconstrução do espaço e na manutenção do Parque da Quinta da Boa Vista, onde se situa a unidade. A ideia é conseguir que o museu seja pautado pelos postulantes. E, se possível, que haja propostas específicas para a instituição.

“Queremos colocar a discussão sobre o museu no debate da prefeitura. Nós somos uma instituição federal, mas estamos na cidade do Rio de Janeiro. Se pudéssemos ter algum apoio da Prefeitura neste processo de reconstrução, seria muito importante para nós”, afirma o diretor da unidade, professor Alexander

## CARTA ABERTA AOS CANDIDATOS À PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

Excelentíssimas Senhoras Benedita da Silva (PT), Clarissa Garotinho (PROS), Glória Heloiza (PSC), Martha Rocha (PDT), Renata Souza (PSol) e Suéd Haidar (PMB);

Excelentíssimos Senhores Cyro Garcia (PSTU), Eduardo Bandeira de Mello (REDE), Eduardo Paes (DEM), Fred Luz (NOVO), Henrique Simonard (PCO), Luiz Lima (PSL), Marcelo Crivella (Republicanos) e Paulo Messina (MDB).

Saudamos a disposição de V. Sas. em se candidatarem para a Prefeitura do Rio de Janeiro, uma cidade que precisa voltar a ser maravilhosa. Todos sabemos dos enormes desafios que o vencedor da eleição de novembro próximo terá pela

frente e enaltecemos a coragem de cada um de vocês em se colocar à disposição para auxiliar a população carioca a ter dias melhores.

A nossa cidade abriga diversas instituições científicas e culturais extremamente relevantes para o país. Uma dessas é o Museu Nacional, situado num dos espaços mais democráticos do Rio de Janeiro, o Parque da Quinta da Boa Vista. Infelizmente, essa instituição, negligenciada por décadas, sofreu nas comemorações de seu bicentenário o seu maior revés. O dia 2 de setembro de 2018, quando o grande incêndio atingiu o Museu Nacional/UFRJ, ficará para sempre na memória da sociedade brasileira, sendo um daqueles acontecimentos que fazem todos se lembrarem

de onde estavam quando souberam da tragédia, que extrapolou as fronteiras do país.

Passados dois anos, temos a satisfação de comunicar que estamos avançando na reconstrução da instituição. Para isso criamos o projeto MUSEU NACIONAL VIVE e, ao longo desse período, desenvolvemos diversas parcerias com organismos nacionais e internacionais, tais como UNESCO, o Governo Federal da Alemanha, o BNDES e a Fundação Vale. Temos recebido apoio de instituições e agências federais como SPU-RJ, IPHAN, IBRAM, CAPES, CNPq e estaduais, como a FAPERJ. Também houve fundamental aporte de recursos por parte do Ministério da Educação, da bancada de deputados federais do Rio de Janeiro (2018) e, mais recente-

mente, da ALERJ. Novos parceiros têm se juntado a nós nessa difícil - mas necessária - tarefa de reconstruir o primeiro museu fundado no país, que acaba de completar 202 anos de existência. Precisamos devolver parte da instituição para as comemorações do bicentenário da independência do Brasil, em 2022. Seria muito triste que nessa data tão marcante o local onde tudo aconteceu estivesse totalmente fechado.

Mesmo em se tratando de uma instituição federal, nunca é demais enfatizar ser um privilégio para qualquer cidade brasileira ter em seu solo o primeiro museu do Brasil, cuja história está vinculada a do próprio país. Nesse sentido, estamos solicitando um engajamento maior da Prefeitura da Cidade

do Rio de Janeiro nesse projeto, a partir de investimentos na manutenção e conservação da Quinta da Boa Vista e o apoio efetivo para a reconstrução do Palácio. O Museu Nacional tem um enorme potencial turístico e educacional, e a sua devolução à sociedade poderá ser uma das iniciativas que irão contribuir para trazer de volta o orgulho a todos os brasileiros, especialmente aos residentes na sofrida cidade maravilhosa, tão carente de agendas positivas.

O Brasil e o Rio de Janeiro precisam do Museu Nacional!

Respeitosamente,

ALEXANDER W. A. KELLNER  
Diretor do Museu Nacional/UFRJ



# PANTANAL

SESC PANTANAL

# A FAUNA PEDE SOCORRO



**VISTA AÉREA** do Rio Cuiabá revela a floresta em chamas

**KIM QUEIROZ**  
 comunica@adufrrj.org.br

**A**s imagens dos animais carbonizados no Pantanal representam a primeira e mais visível etapa de um amplo extermínio da fauna local. Especialistas alertam que a diminuição de recursos naturais e alterações na cadeia alimentar são fatores que vão impactar a biodiversidade da região por muito tempo, mesmo após o fim das queimadas. A eventual extinção de algumas espécies não está descartada.

“Pelos estimativas até agora, já foi destruído entre um quinto e um quarto de toda a área do Pantanal. Essa é uma área que vai demorar a se recuperar”, diz Fernando Fernandez, professor do Departamento de Ecologia do Instituto de Biologia da UFRJ. Reconhecido pela sua riqueza na quantidade e variedade de animais que abriga, o Pantanal é um bioma que ocupa no Brasil a parte sul do estado do Mato Grosso, o noroeste do Mato Grosso do Sul, parte do norte do Paraguai e do leste da Bolívia.

A notoriedade da região está muito ligada à abundância de grandes vertebrados. “Eu sempre digo que o Pantanal é o segundo melhor lugar no mundo para a observação de grandes vertebrados, especialmente grandes mamíferos. Só perde para a savana africana”, diz Fernando.

Especialista em Biologia da Conservação, Fernando afirma que, antes das queimadas, a fauna do Pantanal estava bem resguardada. “Existe uma densidade populacional muito grande de onças-pintadas no Pantanal. As populações de antas e queixadas (conhecidos também como porcos-do-mato), antes desse impacto, também estavam muito bem”, destaca

Fernando. O problema, explica o biólogo, é que essas espécies são extremamente frágeis, e em pouco tempo podem ser ameaçadas de extinção.

“Todas essas populações têm baixo potencial reprodutivo, e isso é crucial”, esclarece o professor. A extinção é um processo que pode ocorrer em escala local ou global, quando morre o último indivíduo de uma determinada espécie. “Em termos de extinção, o que é frágil não é a barata, é o elefante. Porque o elefante pode ter poucos filhotes de cada vez, e filhotes muito espaçados. Ou seja, um bicho assim tem dificuldade em repor as perdas. São demograficamente frágeis”, exemplifica.

A superqueimada causa alterações que produzem efeitos em toda a cadeia alimentar do ecossistema. “A anta não é um bicho pastador. Ela come folhagens das árvores, principalmente. É um bicho que chamamos de ‘ramoneador’, que come folhagens e ramos”, explica Fernando. “A árvore, com folhas jovens para a anta comer, demora muito mais a se recuperar do que o capim. Por isso, para a anta, isso tudo é um absoluto desastre”.

A devastação que põe em risco a fauna do Pantanal surge da mudança de regimes extensivos para regimes intensivos de exploração do território. “Existe uma grande pressão por transformação de alguns desses habitats. E isso é favorecido pelo atual governo, que é leniente com essa destruição e tem uma política ambiental que deixa essas coisas acontecerem”, diz Fernando.

## PERDA DE RECURSOS

Especialista em Ecologia de mamíferos do Pantanal, o professor Luiz Flamarion, do Departamento de Vertebrados do Museu Nacional, ressalta o drama para todo o ecossistema. “Nós podemos até observar um organismo isolado, mas aquele organismo não está suspenso no espaço.



GABRIELA SCHUCK

**VEADO-CATINGUEIRO** morto durante as queimadas no Pantanal

WILLIAN GOMES / SECOMM UFMT



**RESGATE** de onça-pintada vítima de incêndios florestais

Ele está ali porque depende de recursos. E as queimadas tiram o recurso alimentar, a água e o abrigo. As presas perdem recursos, e os predadores perdem as presas. É um processo que precisa ser visto da escala de sistema”, diz.

Há quase 20 anos o Museu Nacional da UFRJ desenvolve pesquisas sobre a fauna do Pantanal em parceria com o Sesc Pantanal e outras instituições. Com uma área de trabalho que abrange cerca de 300 mil hectares do bioma, o grupo faz levantamentos de campo com questões ecológicas, e estrutura acervos para representar a biodiversidade do

país. “Com o surgimento do fogo, o que a gente começou a fazer foi um processo de análise para comparar o antes com o depois”, relata o docente.

“Temos uma estimativa de populações de cervos acima de 400 indivíduos, mas ainda não sabemos quanto já se perdeu”, aponta Luiz. Para um acompanhamento contínuo e preciso dos impactos das queimadas, os pesquisadores têm utilizado recursos tecnológicos para reavaliar constantemente os dados já processados. “Na semana que vem, chegará um drone grande para a nossa equipe em campo”, conta.